

O Movimento Justiça Climática Sorocaba Como Aliada Do Rio: Um Ativismo Folk?¹

Ana Paula Sallum Nicoletti²
Thífani Postali³
Universidade de Sorocaba - UNISO

RESUMO

Buscamos compreender o movimento Justiça Climática de Sorocaba como um ativismo folkcomunicação, por utilizar seus canais digitais como um mecanismo de força horizontal para proteger o meio ambiente e o Rio Sorocaba. Para tanto, analisamos o grupo a partir da teoria da Folkcomunicação. Adotamos a análise de conteúdo como estratégia metodológica, examinando publicações do Instagram e mensagens no grupo de WhatsApp de outubro de 2024 a fevereiro de 2025, entre outras formas comunicacionais. Como resultados, apresenta que, apesar de o grupo ser composto por pessoas formadas e oriundas de diferentes áreas e grupos sociais, o fato de lutar pelo meio ambiente, organizar eventos populares e produzir materiais comunicacionais artesanais, nos leva a entendê-lo como um ativismo folk.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; ativismo folk; forças horizontais; rio Sorocaba; meio ambiente.

O MOVIMENTO E SEU ATIVISMO FOLK

Sorocaba, cidade brasileira situada entre o Cerrado e a Mata Atlântica, nasceu às margens do Rio que lhe dá nome. É “terra rasgada pelo rio” (SESC, s.d.), marcada por uma rica diversidade natural e um forte impacto cultural, fazendo do rio parte essencial da história e da identidade do povo sorocabano. Segundo Manfredique, Guandique e Rosa (2015), o Brasil, como colônia de exploração do Império Português, reproduziu práticas de retirada de recursos naturais sem considerar os impactos ambientais. Esse modelo refletiu em Sorocaba que, historicamente, tratou o rio como mero recurso econômico, negligenciando sua preservação.

Ao longo do tempo, o rio Sorocaba passou por uma série de intervenções voltadas a atender às demandas de comércio e crescimento urbano, transformando uma área naturalmente alagadiça em espaço de infraestrutura. Desde o final do século XIX

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação e cultura popular, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestranda com bolsa no Projeto Observatório de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba (Uniso/CNPq), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – São Paulo, Brasil. E-mail: anasallum9@gmail.com.

³ Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – São Paulo, Brasil. Doutora em Múltiplos pela Unicamp. E-mail: thifanipostali@gmail.com.

ocorreram obras de aterro para a construção de ferrovias e pontes. Na década de 1950, o curso do rio foi retificado, as matas ciliares deram lugar a barrancos e, posteriormente, suas margens foram ocupadas por avenidas e áreas residenciais, contribuindo para enchentes recorrentes que afetam a cidade até hoje (Manfredique, Guandique e Rosa, 2015). Com o avanço urbano, o rio se tornou cada vez mais um receptor de resíduos e esgoto, tornando suas águas poluídas e impróprias para o consumo. Camargo (s.d.) relata que, em 2000, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) iniciou o Programa de Despoluição do rio Sorocaba, concluído em 2016 com um investimento de R\$180 milhões em recursos municipais e federais. Contudo, a partir de 2019, a qualidade da água voltou a se deteriorar e, em 2025, o jornalista Paulo Andrade denunciou que o próprio Saae estaria poluindo novamente o rio, despejando milhões de litros de esgoto diariamente no curso d'água, mesmo após anos de esforços e recursos públicos direcionados à recuperação do rio (Andrade, 2005).

Diante desse cenário, em setembro de 2024 surge o movimento Justiça Climática Sorocaba em resposta a diversos incêndios criminosos no país, grupo que inicia sua atuação nas mídias digitais no mesmo mês do anúncio da obra da marginal direita do rio Sorocaba, feito pelo atual prefeito Rodrigo Manga (@rodrihomangaoficial) em seu Instagram. Vanessa Ferranti (2024) aponta que a obra integra o programa “Sorocaba Tem Pressa” e, conforme a Prefeitura, faz parte do planejamento urbano há mais de 40 anos, sendo considerada fundamental para melhorar a mobilidade da cidade. O projeto prevê uma avenida com pistas duplas separadas por canteiro central, calçadas laterais e uma ciclovia interligada à rede cicloviária já existente, totalizando 1.800 metros de extensão (Ferranti, 2024).

Segundo Sorrilha (2024), a obra pode trazer impactos ambientais e urbanísticos alarmantes, uma vez que impermeabilizar uma área alagadiça natural do rio Sorocaba pode intensificar os riscos de enchentes e alagamentos. A obra também pode contribuir para a degradação ambiental, comprometendo a fauna e a flora locais, além de potencializar as ilhas de calor devido à substituição de áreas verdes por superfícies asfaltadas. Do ponto de vista urbanístico, há o risco de um adensamento desordenado nas áreas adjacentes, o que pode gerar novos desafios relacionados à mobilidade, infraestrutura e qualidade de vida (Sorrilha, 2024).

O movimento, portanto, nasce para defender o rio e se apresenta como uma articulação social comprometida com a luta contra a degradação ambiental e pela construção de um futuro digno, tanto para a população quanto para a preservação da natureza, como apresenta a sua publicação inaugural no Instagram (@sorocabapeloclima).

De acordo com Milton Santos (2006), a cidade pode ser compreendida como o lugar da diversidade socioespacial, onde se concentram diferentes tipos de atividades e multidões, formando um espaço em que se criam laços, interações e intersubjetividades, caracterizando-se pela complexidade das relações humanas. Para o autor, a cidade se constitui pelo encontro de duas forças, sendo as forças verticais, formadas em espaços hegemônicos, que estruturam um cotidiano obediente e disciplinado onde os interesses corporativos prevalecem sobre os interesses públicos; e as forças horizontais, originadas de laços solidários construídos de forma orgânica, que possuem natureza econômica, social, cultural e geográfica que priorizam as pessoas que vivem no território em vez de interesses puramente econômicos.

As forças verticais podem ser entendidas como aquelas que, segundo o pensador indígena Ailton Krenak (2019, p. 21), descolam a humanidade de maneira absoluta do organismo chamado terra, criando, portanto, dois mundos separados: o natural e o humano, de forma que as forças verticais não reconhecem a natureza e seus elementos, como é o caso do rio, como parte fundamental do espaço social, mas sim como um recurso.

Reconhecendo o movimento Justiça Climática Sorocaba como parte das forças horizontais que surgem da própria base social, é possível compreendê-lo à luz da Folkcomunicação. De acordo com Melo (2004), trata-se de uma comunicação popular, desenvolvida fora dos meios institucionais enraizada, especialmente, nas expressões e opiniões do povo. O conceito criado por Luiz Beltrão, em 1967, refere-se à dinâmica de grupos populares que produzem e distribuem suas próprias mensagens e conteúdos por canais alternativos (Postali e Roviada, 2025).

Nesse sentido, o Justiça Climática Sorocaba se articula como prática folkcomunicacional ao ser criado e articulado pelas forças horizontais e utilizar ferramentas acessíveis e comunitárias, como o Instagram e o WhatsApp, para criar narrativas de resistência e mobilizar a população local em defesa do rio e da natureza. O

que leva a ideia de que o grupo Justiça Climática Sorocaba se articula com o pensamento folkcomunicação é o fato de ele ser formado, em sua maioria, por pessoas diversas e não ligadas aos poderes e a área ambiental, de modo geral. Tal afirmação parte da participação do grupo desde outubro de 2024, levantamento dos dados disponíveis nos perfis do Instagram de participantes mais ativos e dados coletados por meio de perguntas realizadas em março de 2025. As observações em 6 perfis abertos do Instagram e os dados coletados em 20 respostas das perguntas sobre formação e profissão dos membros, apresentaram que as pessoas que participam são oriundas de diversas áreas de atuação, tais como educação, comunicação, fisioterapia, direito, artes, engenharias, psicologia, aposentados, funcionários públicos, estudantes, entre outros.

Por meio dos canais Justiça Climática Sorocaba, essas pessoas trocam informações e conteúdos históricos a respeito do rio, denunciam problemas, convocam o grupo para manifestações contra a obra da marginal direita e a defesa do rio Sorocaba, organizam a participação em audiência pública, entre outras articulações fundamentais para resistir ao projeto. O movimento também possui um zine com produção artesanal para distribuição durante as manifestações e encontros. Feito com letra de mão e uso de estêncil para imagens e frases destacadas, o conteúdo apresenta o grupo, a causa e convida o público para a participação. A cópia do material é feita por meio de xerox e sua produção lembra o fazer dos antigos livretos de Cordel. Além disso, eventos populares tais como piqueniques, saraus, bloco de carnaval do Justiça Climática, ceia de Natal solidária para distribuição de comidas para todas as pessoas participantes, na praça central da cidade, a Coronel Fernando Prestes, incluindo pessoas em situação de rua, ocorrem desde o início do movimento.

Tais dados resultam na identificação de que o grupo horizontal é diverso, formado por grupos sociais e pessoas de áreas e formações diferenciadas, mas com o objetivo comum de impedir a força vertical de causar mais danos ao meio ambiente e a população sorocabana. Os eventos, com formatos populares, são indicativos de que as pessoas do movimento também participam de manifestações populares.

Sobre esse aspecto, Trigueiro (2008) lembra que a cultura popular é uma manifestação de práticas sociais integradas nos processos comunicacionais de grupos que encontram-se em constantes conflitos sociais e que, portanto, devem criar formas

para resistir às imposições dominantes. Para o autor, a resistência está na matriz de suas “[...] interpretações e interpelações individuais e coletivas nos enfrentamentos das diversas situações de imposição de novos valores culturais, desde o período colonial até as investidas da globalização” (Trigueiro, 2008, p. 24). A compreensão do rio como recurso e não como parte do todo, é uma visão colonial que permanece na sociedade e que favorece a exploração e destruição dos recursos naturais em nome do capital. Nesse sentido, o movimento Justiça Climática Sorocaba é formado por ativistas e pessoas interessadas na luta para salvar o que resta do rio. Mais especificamente, seguindo as colocações de Trigueiro (2008), o movimento é formado por pessoas ativistas e ativas, ou seja, nele há aquelas que são ativas por exercerem uma ação, participarem das atividades e estarem sempre em movimento, ao passo que há aquelas ativistas que organizam e planejam a participação de outras pessoas no movimento.

Apesar de o grupo, conforme as mensagens disponíveis no WhatsApp, não possuir lideranças, é possível perceber que a atitude ativista parte, especificamente, de dois principais membros. Posto assim, fica a pergunta: tendo em vista os achados de que o grupo é de formação horizontal e que reúne pessoas diversas que trocam informações, conteúdos, convocações para ocupar espaços públicos e lutar contra as mazelas ao meio ambiente, além de organizar eventos de cunho popular para promover a interação entre a comunidade e produzir material comunicacional artesanal, pode-se considerar o movimento Justiça Climática Sorocaba como um ativismo folk? Apesar de o grupo ser composto por pessoas formadas e oriundas de diferentes áreas e grupos sociais, o fato de estar lutando - por iniciativa própria - pelo meio ambiente e conter expressões populares, nos leva a uma resposta afirmativa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paulo. **Saae joga esgoto irregular em trecho do Rio Sorocaba diariamente há 18 meses**. Portal Porque, 27 jan. 2025. Disponível em: <https://www.portalporque.com.br/sorocaba-regiao/saae-joga-egoto-irregular-em-trecho-do-rio-sorocaba-diariamente-ha-18-meses/>. Acesso em: 18 mar. 2025.
- CAMARGO, Vinicius. **Qualidade da água do Rio Sorocaba cai para ruim, indica Cetesb**. **Jornal Cruzeiro do Sul**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/noticias/2022/03/690635-qualidade-da-agua-do-rio-sorocaba-cai-para-ruim-indica-cetesb.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FERRANTI, Vanessa. **Ministério Público instaura inquérito para investigar obras da marginal direita do Rio Sorocaba**. Jornal Cruzeiro do Sul, 26 jul. 2024. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/noticias/2024/07/735977-ministerio-publico-instaur-a-inquerito-para-investigar-obras-da-marginal-direita-do-rio-sorocaba.html#:~:text=A%20marginal%20direita%20do%20rio,est%C3%A1%20descrita%20no%20Plano%20Diretor>. Acesso em: 18 jan. 2025.

JUSTIÇA CLIMÁTICA SOROCABA. Vamos falar sobre o clima?. Sorocaba: s.n., nov. 2024. Zine independente, n. 1.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MANFREDINI, Fábio Navarro; GUANDIQUE, Manuel Enrique Gamero; ROSA, André Henrique. **A história ambiental de Sorocaba** [recurso eletrônico]. Sorocaba: Unesp – Câmpus Experimental de Sorocaba, 2015. Disponível em: <https://www.sorocaba.unesp.br/Home/Eventos191/historia-ambiental-editora-ebook.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2025.

POSTALI, Thifani; RODOVIA, Mara Ferreira. **Chavoso da USP: um sujeito periférico e ativista midiático na cultura digital**. Revista Alterjor, v. 1, n. 3, p. 193-208, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/231839>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SESC. **Onde nasci passa um rio**. Sorocaba: Serviço Social do Comércio, [s.d.]. [panfleto].

SORRILHA, Fabiana Blazeck. **Se construída, nova marginal do Rio Sorocaba piorará enchentes, diz especialista**. Portal Porque, 21 maio 2024. Disponível em: <https://www.portalporque.com.br/sorocaba-regiao/se-construida-nova-marginal-do-rio-sorocaba-piorara-enchentes-diz-especialista/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.